

António Monteiro

FAUSTO, DE GOETHE - UM EXERCÍCIO INTERPRETATIVO -

Nota prévia

Para este exercício baseei-me, fundamentalmente, na tradução de *Fausto*, de João Barrento, publicada pelo *Relógio D'Água Editores* para o *Círculo de Leitores*, em 1999; os versos transcritos são referidos pelos seus números entre parêntesis.

Quanto à interpretação do “*livro de sete selos que aterra os profanos e deslumbra os iniciados*”, no dizer de Maria Amália Vaz de Carvalho¹, como não sou iniciado, tive de me socorrer, principalmente, de Max Heindel, um iniciado rosicrucista, que em *Mistérios das Grandes Óperas*² faz uma análise, infelizmente parcial, desta obra grande da literatura mundial. Nestas circunstâncias há algumas passagens cuja interpretação é da minha responsabilidade.

INTRODUÇÃO

Formalmente, *Fausto* é uma peça de teatro em verso. Principia com uma Dedicatória a que se segue um Prelúdio no Teatro e um Prólogo no Céu. O corpo principal contém duas partes: a primeira dividida em vinte e cinco cenas e a segunda em cinco actos subdivididos em cenas.

O tema base é a vida lendária do Doutor Faust, um mago e alquimista alemão quinhentista, mas cuja vida foi envolvida num manto de fantasias tecido pelas proezas mágicas que lhe foram atribuídas, o que torna muito difícil separar o real do imaginário. O acontecimento mais relevante da sua vida foi, ou terá sido, um pacto com o Diabo³.

O Doutor Faust

Johann Georg Faust terá nascido por volta de 1466 em Helmstadt, próximo de Heidelberg, ou em 1480 em Knittlingen, Württemberg, ou ainda em Roda, província de Weimar, e usou, também, os nomes de Johann Sabellicus ou Georg Faust.

O mais antigo registo da sua vida que se conhece é uma carta do célebre ocultista, mago e taumaturgo Johann Tritheim (1462-1516), de 20 de Agosto de 1507, dirigida a Johann Wirdung⁴ em resposta a um pedido de informações sobre um tal Johann Sabellicus que era esperado em Hassfurt, Baviera. Segundo Tritheim, tratava-se de um facundo intrujão, que saltava de emprego em emprego, que lisonjeava um

¹ Citada por João Barrento na ob. cit. p. 71.

² *Misterios de las Grandes Operas*, Barcelona, Libreria Sintet, s/data..

³ Note-se que há autores que pretendem que o pacto satânico é uma prática mais comum do que vulgarmente se supõe.

⁴ Matemático e astrólogo da corte Bávara.

público simples e ingénuo para glória e lucro próprios, e que devia ser chicoteado por blasfémia. Acrescentou, ainda, que por recomendação de Franz von Sickingen⁵ (1481-1523) Johann Sabellicus fora admitido como professor em Kreuzach, mas foi obrigado a fugir por ter abusado sexualmente de alguns rapazes a seu cargo.

Em 1509 Faust estudava na Universidade de Heidelberg onde um professor elogiou a sua mente brilhante. Segundo Johannes Weyer (1515-1588)⁶ e Philipp Melanchthon (1497- 1560)⁷, Faust partiu depois para Carcóvia a fim de estudar magia. É possível que nessa altura tenha estado em Praga onde parece ter-se familiarizado com os segredos da criação do *golem*⁸.

Segundo a lenda, a ânsia de tudo saber levou-o, entretanto, a firmar um pacto com o Diabo, graças ao qual terá tido tudo quanto quis: poder, sabedoria, belas mulheres, como Helena de Tróia⁹ e as concubinas do sultão da Turquia (!), viagens para onde desejasse, desde as profundezas dos infernos até às estrelas mais distantes, o que lhe permitia deslumbrar os seus alunos da Universidade de Erfurt com a descrição do que vira, quando não os aterrorizava com medonhas evocações, como a do gigante Polifemo¹⁰. De facto, Faust tinha ido para Erfurt em 1513, onde viveu sete anos, parte dos quais no mosteiro de Maulbroon cujo abade teria sido aliciado com a promessa de ouro alquímico, dando aulas sobre Homero na universidade local.

Em 1520 o pregador da catedral tentou convencer Faust a arrepender-se dos seus erros, mas este confessou, cortesmente, ter assinado um pacto com o Diabo e afirmou não estar arrependido porque confiava mais no demónio do que em Deus. Faust foi imediatamente expulso de Erfurt e de outras cidades em que pretendeu fixar-se por ser considerado um satanista, quer por católicos quer por protestantes.

Em 1523 terá passado por Leipzig onde terá realizado uma proeza que ficou célebre: na *Auerbachs Keller* levou, sozinho, um pesado barril de vinho da cave para um andar superior ... limitando-se a cavalgá-lo¹¹.

Johannes Weyer, Philipp Melanchthon e outros autores dizem que Faust morreu em 1540, ou 1541, possivelmente em Würthenberg. A lenda, porém, pretende que o seu fim foi terrível: o diabo apoderou-se da sua alma, desfez o corpo em pedaços que lançou para um monte de esterco, arrancou-lhe os olhos e colou-os a uma parede.

⁵ Uma das figuras mais notáveis do primeiro período da Reforma.

⁶ Médico holandês, ocultista e demonologista, discípulo e seguidor de Cornelius Agripa.

⁷ Professor e teólogo alemão, foi um líder eminente da Reforma e amigo de Lutero.

⁸ O *golem* faz parte da lenda judaico-cabalista surgida nos princípios da Era Cristã, quando alguns rabinos quiseram rivalizar com o Senhor e criar um ser vivo e inteligente por meio da magia. Assim, num *Midrasch* dos séculos II e III, Adão, na sua primeira fase, é descrito como um *golem* de grandeza e força cósmica, mas ainda sem vida e sem o dom da palavra. No século XII, a seita dos Khassidim elaborou 221 combinações diferentes das letras do alfabeto hebraico, tendo chegado à palavra *emeth*, que significa “verdade”, a qual animava a figura de um homem pequeno, semelhante a uma criança de dez anos, moldada em argila vermelha, quando escrita na sua frente. O *golem* era um dócil escravo do seu criador, mas cedo começava a crescer e rapidamente se transformava num gigante; então o mágico apagava a primeira letra e como a palavra *meth* significa “morte”, o desgraçado desfazia-se em pó.

⁹ Na Mitologia Grega, Helena, filha de Zeus e de Leda, casou com Menelau, rei de Esparta, mas durante a ausência do esposo foi raptada pelo troiano Páris, o que deu origem à Guerra de Tróia, imortalizada por Homero na *Iliada*. Com a vitória dos gregos, depois de um cerco de dez anos, Helena regressou a casa com o marido. Por ser a mulher mais bela que alguma vez pisou a Terra, conquistou a imortalidade, após o que se tornou mulher de Aquiles (ou melhor, da alma de Aquiles, pois este já tinha morrido em Tróia), com o qual passou a viver na ilha de Leuce, e de quem teve um filho, Eufóron (vidé nota 21 infra).

¹⁰ Figura mítica da *Odisseia*, de Homero.

¹¹ A *Auerbachs*, que séculos depois Goethe frequentou, é presentemente um dos cinco restaurantes mais famosos do mundo.

* * *

Esta lenda foi tema de inúmeras obras literárias, a primeira das quais foi publicada em 1587 por um autor anônimo, com o título *Historia von D. Johann Faustus dem weitbschreyten Zauberer und Schwarzbünstler* (*História do Doutor João Fausto, mui afamado mágico e necromante*), a que se seguiu, em 1604, a *Tragicall History of the Life and Death of Doctor Faustus*, uma versão em inglês de Christopher Marlowe, e muitas outras, a última das quais terá sido o romance *Doktor Faustus* (1947) de Thomas Mann.. Será curioso referir que Fernando Pessoa iniciou uma trilogia dramática, *Fausto – Uma Tragédia Subjectiva*, que não passou, porém, de um *Primeiro Fausto* inacabado.

Para além das produções literárias, diversos compositores utilizaram o tema para compor peças musicais, como a *Eine Faust-Ouvertüre* (1840) de Wagner, a famosa ópera *Fausto* (1859) de Gounod, etc., enquanto realizadores cinematográficos trataram o tema em numerosos filmes, o primeiro dos quais penso ter sido *Faust et Marguerite* (1897) de Georges Méliès.

Mas a lenda não ficou por aqui e deu origem a uma outra, a de um livro intitulado *O Mestre Infernal do Dr. Faust*, que ensinaria a arte de controlar espíritos e de tornar o próprio Diabo subserviente ao mestre, livro este que estaria enterrado sob um espinheiro por detrás do Castelo de Chemnitz, Saxónia, na estrada da floresta de Kùch. Há quem pretenda que os praticantes de magia negra têm procurado, afanosamente, este livro, mas em vão.

* * *

Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) tinha apenas seis anos quando assistiu a uma representação da lenda do Doutor Faust num teatro de fantoches. A peça impressionou-o e mais tarde estudou cuidadosamente as duas primeiras obras sobre esta personagem acima referidas. Na sequência deste estudo compôs um esboço, o *Urfaust* (*Proto-Fausto*, ou *Fausto Zero*), que iria ser publicado, postumamente, em 1887; em 1791 escreveu outro esboço que intitulou *Faust, ein Fragment* (*Fausto, um fragmento*), que ficou inédito, até que em 1808 concluiu uma versão definitiva que intitulou *Faust, eine Tragödie* (*Fausto, uma tragédia*).

Tratava-se, porém, de uma primeira parte, uma vez que a problemática humana do Dr. Faust continuava a intrigá-lo, em especial quando Gotthold Lessing¹² explorou a possibilidade do mágico ser salvo se Deus reconhecesse a sinceridade e honestidade da sua busca de conhecimentos; assim, em 1826 começou a escrever uma segunda parte que iria ser publicada em 1832, nas vésperas da sua morte, a que deu o título de *Faust. Der Tragödie zweiter Teil in fünf Akten* (*Fausto. Segunda parte da tragédia, em cinco actos*).

O ENREDO

¹² Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781), dramaturgo e crítico alemão, um dos obreiros do Iluminismo germânico. Estudou em várias universidades, nomeadamente na de Leipzig, onde escreveu a sua primeira peça, *Der Junge Gelehrte* (*O Jovem Sábio*), a que se seguiram outras obras como *Der Freigeist* (*O Livre Pensador*), *Die Juden* (*Os Judeus*), etc.

A acção começa ainda no Prólogo com uma aposta, entre Mefistófeles e o Senhor sobre a posse da alma de Fausto que há muito lutava por obter conhecimento; o Senhor diz que Fausto serve o seu plano, uma vez que será levado em direcção à luz, mas dá liberdade de acção a Mefistófeles para o desviar¹³.

Primeira Parte

Desgostoso de verificar que toda a sua vida de estudo a nada conduzira, Fausto invoca o Espírito da Terra mas não obtém qualquer ajuda da sua parte. Assim, quando Mefistófeles vem ter consigo, não hesita em negociar um pacto, que assina com o seu sangue¹⁴, segundo o qual aquele dar-lhe-á tudo quanto quiser em troca da sua alma.

O seu primeiro desejo é recuperar a juventude, o que lhe é prontamente concedido na cozinha da bruxa, após o que abandona tudo para partir em busca de aventuras, sempre acompanhado por Mefistófeles. É nesta ânsia de viver uma vida perdida em vãos estudos que encontra Margarida¹⁵, uma jovem bela, pura e inocente por quem se apaixona. Os sortilégios de Mefistófeles levaram a jovem a apaixonar-se e a deixar-se seduzir. Porém, satisfeita a sua luxúria, Fausto abandona-a, apesar de ter ficado grávida.

Profundamente arrependida, triste e envergonhada, Margarida chora a morte da mãe, vítima de um soporífero que Mefistófeles lhe ministrara para que a filha pudesse receber o amante na tranquilidade da sua alcova; chora, também, a morte do irmão, um soldado que viera para a vingar mas que não conseguiu evitar uma estocada fatal de Fausto, guiada por Mefistófeles; e sofre com o desprezo a que a comunidade a votara. Desesperada, a jovem afoga o seu próprio filho recém nascido, mas é descoberta, presa e condenada à morte.

Durante o *sabath* da Noite de Walpurgis¹⁶, Fausto teve uma visão, a de Margarida no fundo do cárcere; atormentado pelos remorsos, parte para a tirar da prisão, mas a jovem, embora feliz por voltar a ver o seu amado, prefere assumir as suas responsabilidades e aceitar, resignadamente, o justo castigo, limitando-se a pedir a Deus que a aceite. E uma voz vinda de cima, responde: “*Está salva!*” (4612).

Segunda Parte

A segunda parte começa com Fausto a recuperar do seu desastroso caso de amor na corte do Imperador, cujo despesismo havia arruinado as finanças do estado. Mefistófeles, que o precedera disfarçado de bobo, tinha informado o Imperador de que, nos seus domínios, havia muitos tesouros enterrados que o povo fora escondendo dos invasores, e que toda essa riqueza era sua propriedade. Fausto, entretanto chegado à corte, providencia no sentido da moeda corrente, o ouro, ser substituída por notas

¹³ Goethe ter-se-á inspirado no livro bíblico de *Job* para criar esta aposta..

¹⁴ “*O sangue é seiva como outra não há*” (1740), diz Mefistófeles.

¹⁵ Gretchen, no original alemão. O nome de Margarida, por que ficou conhecida nos países latinos, foi-lhe dado por Jules Barbier e Michel Carré, autores do *libreto* do *Fausto*, de Gounod.

¹⁶ A Noite de Walpurgis é a de 30 de Abril para 1 de Maio, durante a qual se celebrava, desde tempos imemoriais, o início do Verão com ritos pagãos e práticas de feitiçaria. O nome vem de uma missionária inglesa, Santa Walpurgis (c. 710-777), abadessa do convento beneditino de Heidenheim, cujo dia festivo é o 1º de Maio. A crença popular refere que em certos locais, como as montanhas de Harz, na Alemanha, as feitiçairas se reuniam com o Diabo durante essa noite.

promissórias sobre o valor desses tesouros; a corte é inundada por papel moeda e a crise financeira fica ultrapassada; no entanto, os fundamentos do império foram substituídos pelo frágil papel.

Resolvida a situação, o Imperador quer divertir-se e pede a Fausto para conjurar os espíritos de Páris e de Helena de Tróia; este acede e a corte admira o que se pode considerar uma sucessão de quadros vivos. Fausto, fascinado pela beleza de Helena, sente ciúmes quando Páris a abraça e salta para dentro do círculo mágico para os separar, mas tomba inconsciente.

O segundo acto começa no velho laboratório de Fausto, onde Wagner, o seu fâmulos, seguindo as instruções do seu ausente mestre, cria, no interior de um frasco e à margem dos meios naturais de concepção, um homúnculo, um ser de fogo com uma alma e um espírito mas sem um corpo material¹⁷. O homúnculo leva Mefistófeles e o ainda inconsciente Fausto para o mundo clássico da Grécia, onde, nos campos da Parsália, se celebra a Noite de Walpurgis. Fausto recupera os sentidos e o seu primeiro desejo é encontrar Helena, enquanto o homúnculo deseja transformar-se num homem verdadeiro, livre da retorta onde tinha de viver; uma discussão entre dois filósofos clássicos, Anaxágoras e Tales, lança luz sobre o meio de concretizar os seus desejos: unir-se com o elemento água. É Proteu¹⁸ quem o conduz, sempre dentro do frasco, até o Oceano, em cujas águas entra a fim de se unir com Galateia¹⁹; a retorta parte-se sob os pés da deusa, a essência feérica do homúnculo entra nas águas e esta espécie de união sexual mística reúne, harmoniosamente, os quatro elementos.

Entretanto, Fausto, cavalcando o centauro Quíron²⁰ e guiado pela profetisa Manto²¹, procura Helena no submundo, mas é Mefistófeles, disfarçado de Fórcide²², quem induz a bela mulher a ir viver com Fausto no seu castelo do Norte. Desta união, feliz e harmoniosa, nasce um filho, Eufóron²³, que procura, como o pai, subir acima do mundo terrestre, voar nas alturas e tomar os céus de assalto. Porém, tal como Ícaro²⁴, Eufóron morre e a união de Fausto com Helena quebra-se e esta parte para os domínios subterrâneos de Perséfone²⁵ com a alma do seu filho.

O acto seguinte mostra-nos um Fausto muito diferente, que aspira criar algo de grandioso. Ao poisar a vista no mar, imagina uma vasta terra conquistada às águas, onde os homens vivem livres e felizes. É com este projecto em mente que regressa à corte do Império, agora em guerra. Com a ajuda do eterno Mefistófeles, Fausto leva o imperador à vitória sobre os seus inimigos e, em paga, reclama a posse de toda a linha de costa do seu império, a fim de dar corpo ao seu grandioso projecto, a criação de um paraíso na terra, que o Imperador aceita e que o Arcebispo da corte vê como fonte de mais rendimentos para a Igreja.

¹⁷ Será curioso comparar o homúnculo de Wagner, uma alma e um espírito sem corpo material, com o *golem* do Doutor Faust, um corpo material sem alma nem espírito, referido na nota 2 supra.

¹⁸ Profeta que mudava constantemente de forma a fim de poder furtar-se aos pedidos que lhe faziam para profetizar.

¹⁹ Uma das Nereides, mas que neste drama representa Afrodite, a deusa da beleza e do amor.

²⁰ Filho do titã Cronos e de Fílira, Quíron foi o mais famoso dos centauros. Vivia numa gruta do monte Pálion, na Tessália, e era um sábio e um médico divino. Amigo dos mortais, Quíron foi preceptor de diversos heróis gregos, como Castor e Pólux, Peleu e o seu filho Aquiles, Jasão e o grande Asclépio, por ele iniciado nos segredos da Medicina. O fim de Quíron foi trágico; Heracles atingiu-o, acidentalmente, com uma flecha que havia sido embebida no veneno da Hidra de Lerna que produzia ferimentos incuráveis; apesar dos seus conhecimentos, Quíron não conseguiu sarar a ferida e passou a sofrer dores horríveis; desesperado, pediu a Zeus que lhe permitisse renunciar à imortalidade o que lhe foi concedido, tendo morrido em paz.

²¹ Profetisa e sacerdotisa de Apolo, considerada filha de Tirésias, o vidente cego.

²² Nome com que, no terceiro acto da segunda parte, Mefistófeles oculta a sua identidade.

²³ Goethe faz uma adaptação da passagem do mito de Helena referida na nota 7 supra, e para não suscitar dúvidas até dá o nome de Eufóron ao filho de Fausto.

²⁴ Filho de Dédalo; obcecado pela ideia de voar, construiu umas asas de cera e, ignorando os avisos do pai, aproximou-se demasiado do Sol; o calor derreteu a cera e o pobre sonhador precipitou-se no mar, morrendo.

²⁵ Filha de Zeus e de Deméter, Perséfone foi raptada por Hades, deus do mundo dos mortos, do qual foi feita rainha.

O último acto apresenta-nos Fausto observando os trabalhos de construção dos diques e a progressiva conquista das terras às águas do mar. Porém, a localização de uma casa com capela, onde reside um velho casal, Baucis e Filémon²⁶, prejudica o seu plano. Mefistófeles envia os seus homens de mão para os desalojar, mas estes excedem-se e o casal é morto e a casa totalmente destruída pelas chamas. Fausto deplora a tragédia e acaba por perder a vista. Então, Mefistófeles faz-lhe crer que os trabalhadores estão prestes a completar a obra, quando, na realidade, estão a abrir a sua sepultura. E o mágico morre na convicção de que o seu sonho humanista está prestes a ser concretizado.

Na cena final, Mefistófeles vai à sepultura cobrar o pacto; os anjos, porém, descem das alturas e, enquanto alguns o distraem, outros levam a alma de Fausto à presença de Maria, a Mãe Gloriosa. O espírito de Margarida intercede por ele e a Divina Mãe permite que o seu espírito passe às esferas mais elevadas.

O drama termina exaltando o papel da *anima* no processo iniciático:

*“Tudo o que deve morrer não é senão reflexo
Tudo o que é imperfeito encontra aqui a perfeição
Tudo o que é mistério aqui encontra a luz
A Mulher em todos nós mostra-nos o nosso caminho”*²⁷

UMA INTERPRETAÇÃO

Como disse na nota prévia, a interpretação de algumas passagens de *Fausto* é da minha responsabilidade; é por aqui que vou começar.

*“Segundo antigo ritmo, o Sol
Com as esferas canta uma canção”* (243-244)

Com esta alusão clara à música das esferas, penso que Goethe quis assinalar o simbolismo cósmico da sua obra, cuja acção se desenrola no nosso mundo sob o olhar do nosso *pequeno deus*, um deus menor porque está em evolução, *um homem de um deus maior*, no dizer de Fernando Pessoa²⁸.

*“O pequeno deus do mundo não mudou
Desde o dia primeiro mui singular ficou”* [fala de Mefistófeles] (281-282)

* * *

²⁶ Zeus e Hermes costumavam vaguear pela Frigia incógnitos, mas não encontravam abrigo junto de nenhum mortal a não ser em casa de Baucis e Filémon. Os deuses puniram a região com um grande dilúvio do qual apenas se salvou o bondoso casal de velhos, cuja casa foi transformada em templo.

²⁷ Na edição que tenho vindo a seguir, a tradução destes últimos versos é a seguinte: *“Tudo o que passa / É símbolo só; / O que não se alcança / Em corpo aqui está; / O indiscreto / Realiza-se aqui; / O Eterno-Feminino / Atrai-nos para si”* (12104-12111). Os versos apresentados são a tradução, da minha autoria, de um ensaio, em inglês, intitulado *The Alchemical Drama of Goethe*, de Adam McLean (in <http://www.levity.com/alchemy/faust.html>); no plano do simbólico, parece-me a versão inglesa mais significativa do que a de João Barrento.

²⁸ In *No Túmulo de Christian Rosenkreutz*, in *Rosea Cruz*, Lisboa, *Edições Manuel Lencastre*, 1989, p. 239.

O mito de Fausto, diz Max Heindel²⁹, é tão antigo quanto a humanidade e, como tal, contém uma grande verdade cósmica, a evolução do homem durante a presente época e o papel desempenhado, neste processo, pelos filhos de Seth e os de Caim.

Fausto representa a vanguarda da raça humana, sendo por isso considerado louco e extravagante pelo comum dos mortais menos avançados. Porém, a sua vida de estudo não lhe proporcionou o verdadeiro saber; convicto de que, por essa via nada alcançaria que pudesse ensinar à humanidade, a fim de a salvar³⁰, entregou-se à magia na esperança de que, pela força da mente, o mistério se abrisse perante si³¹.

Nestas condições, Fausto invocou o Espírito da Terra e as palavras que este lhe dirigiu são uma excelente matéria de meditação, diz Max Heindel³², pois representam, no plano místico, o que o candidato sente quando pela primeira vez se apercebe da realidade deste exaltado ser.

*“Nas vagas da vida, vendavais de acção,
Me vês subir, descer,
Tecer fios neste pano!
Nascer e morrer,
Eterno oceano,
Alternando a trama,
A vida uma chama,
E sentado ao tear vibrante do Tempo
Teço à divindade o seu manto vivo” (501-509)*

Fausto, porém, não conseguiu obter do Espírito da Terra os almejados ensinamentos, tal como não iria dominar o Espírito da Negação porque não foi pelo poder da sua alma que entrou em contacto com qualquer um deles³³.

Goethe serve-se, a propósito, das figuras do Espírito da Terra e de Mefistófeles para nos prevenir contra pessoas e espíritos que se oferecem para satisfazer os nossos desejos, uma vez que, por via de regra, perseguem fins que nos são adversos. A vinda de Mefistófeles serve, também, para ilustrar outra verdade esotérica: a via pela qual um espírito entra num determinado espaço é a mesma por onde tem de sair.

*“Para o demo e os espectros há um preceito:
Por onde entram voltam a sair;
À primeira são livres, à segunda obedecem” (1410-1412)*

É este preceito que faz com que o Cristo, que penetrou na Terra pelo corpo vital de Jesus, só possa sair, de volta ao Sol, através do mesmo veículo³⁴.

Mefistófeles, um espírito marciano, quis ficar na posse de um pouco do sangue de Fausto a fim de o poder controlar, uma vez que o sangue, *seiva como outra não há*³⁵, contém ferro, um metal de Marte. Assim, tal como os filhos de Caim foram guiados pelos espíritos luciferinos, Fausto foi guiado – e controlado – por Mefistófeles, mas, curiosamente, esta situação permitiu-lhe conhecer e viver, tanto a profundidade dos pesares da alma humana, como a exuberância das suas alegrias, condição *sine qua non*

²⁹ *Misterios de las Grandes Operas*, pp. 8-9.

³⁰ Cf. versos 371 e 372.

³¹ Cf. versos 377 a 379.

³² Ob. cit. p. 26

³³ Id. p.355

³⁴ Id. p. 27

³⁵ Cf. v. 1740

para sentir a compaixão necessária para cooperar na elevação da Humanidade. Mefistófeles é, pois, um espírito que só quer o mal mas que acaba por fazer o bem.

Margarida representa os filhos de Seth e Fausto os filhos de Caím. Margarida era pura, mas não virtuosa porque nunca havia sido tentada e a tentação está para o desenvolvimento da alma como o exercício físico para o desenvolvimento muscular³⁶; o encontro com Fausto trouxe a ambos miséria e sofrimento mas que, no final, os iriam conduzir de volta às gloriosas regiões de onde tinham vindo³⁷.

Goethe censura o comportamento da Igreja Católica. Para Fausto conquistar o coração de Margarida, Mefistófeles colocou, no seu quarto, valiosos presentes; a mãe, indecisa, levou-os ao padre e este, em vez de a aconselhar a desprezá-los, ficou com eles para adornar um qualquer ídolo. E assim Lúcifer, graças à cobiça da Igreja, conquistou duas almas, a da mãe e a do irmão de Margarida, por causa de quem tinham encontrado a morte³⁸. Já no final do drama é o Arcebispo que, mais do que a felicidade da humanidade no paraíso sonhado por Fausto, se interessa pelos *dízimos, rendas, censo e o que mais haja*³⁹ que as novas terras lhe irão proporcionar.

No fundo de uma enxovia, aguardando o carrasco, Margarida, sofrida e arrependida, recusa a salvação que Fausto lhe oferece, assim se redimindo e acabando por ser aceite no Novo Céu e na Nova Terra⁴⁰.

Na segunda parte Max Heindel vê o papel de Fausto na corte do Imperador como um factor importante nos assuntos de estado para os quais os filhos de Caim têm uma inclinação natural, enquanto os filhos de Seth a têm para os assuntos da igreja⁴¹.

O episódio do homúnculo, omitido por Max Heindel, parece-me ilustrar o valor da perseverança na busca de conhecimentos, perseverança essa que Goethe enaltece ao pôr na boca de anjos a seguinte fala:

*“Pois só àquele redenção damos
Que em esforço persevera”* (11936 e 11937)

Ora Wagner, o discípulo de Fausto, não seguiu a via diabólica do seu mestre, antes perseverou no esforço de chegar à verdadeira Sabedoria pela via correcta, a única que permite o crescimento anímico, e a sua recompensa foi o êxito que obteve com a criação de um homúnculo, não um grosseiro e estúpido *golem*, mas um ser capaz de ouvir os conselhos dos antigos filósofos e de obter o que lhe faltava para ser um homem verdadeiro. Wagner ultrapassou, assim, o seu mestre⁴². Por outro lado, a figura do homúnculo pode, também, querer dizer que a via do homem que busca a luz, através de um novo nascimento, se encontra em si mesmo e que tem de dar a mão ao seu *anima* para a encontrar.

Quanto aos ideais relativos a um novo paraíso terreno que Fausto passou a acalantar, Max Heindel atribui-os ao *“amor de (...) Helena, (...) um amor de natureza mais elevada e espiritual e inteiramente separado da ideia de sexo e paixão*⁴³. Confesso

³⁶ Id. p. 17

³⁷ Id. pp. 45-46

³⁸ Cf. vv 2839 e 2840

³⁹ Cf. vv 11035 e 11038

⁴⁰ *Misterios de las Grandes Operas*, p. 54

⁴¹ *Ibid.*

⁴² Cf. vv 2839 e 2840

⁴³ *Misterios de las Grandes Operas*, p. 55

a minha dificuldade em acompanhar esta leitura, pois vejo Helena como representando a beleza clássica, mas também a sensualidade não reprimida do mundo grego, que lhe permite ter relações sexuais com numerosos homens, incluindo Aquiles, que veio da terra dos mortos para a possuir⁴⁴, um mundo onde Mefistófeles não pode exercer os seus malefícios porque ali não existe o sentimento do pecado. Assim, vejo a ligação de Fausto com Helena como o primeiro factor positivo da sua vida após o pacto diabólico por ser incólume ao poder diabólico.

Por fim, penso que Margarida haja sido o segundo e decisivo factor positivo, pois foi ela, livre de Mefistófeles e já redimida dos seus erros, quem intercedeu junto da Grande Deusa Mãe, Maria, para salvar o seu amado Fausto, cujos erros tinham sido, entretanto, pagos com o sofrimento e com os ideais humanitaristas que nortearam os últimos anos da sua existência.

* * *

Em suma, *Faust eine Tragödie* é um drama alquímico-espiritual cuja acção se desenrola ao longo da transmutação do homem comum num ser superior, tendo como protagonista a figura mitificada do Doutor Johann Faust.

Fausto passa por várias transmutações. A primeira, que se insere no movimento literário e romântico *Sturm und Drang*⁴⁵, de que Goethe foi uma figura de primeiro plano, é a obtenção do conhecimento, o “virar-se” para dentro de si mesmo em busca das respostas/soluções para os problemas existenciais. A segunda transmutação é o amor, que Fausto, rejuvenescido por Mefistófeles, sente por Margarida. A terceira é a do arrependimento, do remorso por ser o responsável pela morte da jovem, da sua mãe e do seu irmão. A última transmutação é o sentimento de humanitarismo que o invade e o leva a sonhar com um país novo, paradisíaco, onde haja, apenas, felicidade, aquela que pode chamar a atenção das Potências Celestiais.

Mas a Alquimia do *Fausto* foca outro aspecto. Na câmara gótica onde Fausto passou toda uma vida em busca do conhecimento e de onde saiu na companhia de Mefistófeles, o seu fâmulos, Wagner, sem qualquer auxílio demoníaco, prosseguiu os estudos e conseguiu criar um Homúnculo⁴⁶. Com esta figura Goethe mostra que é dentro de nós que se encontra a via que conduz à iluminação espiritual, mas que para a seguir é necessário aceitar-se a componente feminina do nosso ser, a famosa *anima* de Jung⁴⁷. É muito significativo o facto de Fausto estar inconsciente ou ausente em todas

⁴⁴ Cf. vv 8846 a 9058

⁴⁵ *Sturm und Drang* (*tempestade e ímpeto*) foi um movimento que floresceu na Alemanha entre 1770 e 1784, contra o racionalismo postulado pelo Iluminismo do século XVIII e a poderosa influência do classicismo francês na cultura europeia. Os prosélitos deste movimento rejeitaram a literatura e a sociedade do *Ancien Regime* e voltaram-se para a poesia de Homero, para a Bíblia luterana e para os contos e histórias do folclore nacional nórdico.

As personagens mais notáveis deste movimento foram Johann Gottfried Herder (1744 - 1803), Friedrich Schiller (1759-1805) e, naturalmente, Goethe, autor do primeiro grande drama saído do *Sturm und Drang*, *Götz von Berlichingen mit der Eisernen Hand* (*Götz de Berlichingen com a Mão de Ferro*) (1773).

⁴⁶ O conceito do homúnculo parece ter sido usado pela primeira vez por [Paracelso](#) para designar uma criatura que tinha cerca de 30 centímetros de altura e que, segundo ele, poderia ser criada por meio de sêmen humano posto numa retorta hermeticamente fechada e aquecida em esterco de cavalo durante 40 dias, após o que se formaria o embrião..

⁴⁷ Carl Gustav Jung (1875-1961), o criador da psicologia analítica, foi um dos mais prestigiados psiquiatras e um profundo conhecedor do Ocultismo, nomeadamente da Alquimia espiritualista, da Astrologia e do Simbolismo, sendo por vezes apontado como um possível iniciado da Rosacruz.

as cenas em que aparece o Homúnculo; é o desprezo pelo seu lado feminino e a sua opção pela via diabólica que lhe levanta todas as dificuldades, mas que no final o seu humanitarismo permitiu-lhe vencer.

Março de 2009